

Josué Montello, grande homem de letras

Quando Machado de Assis morreu em 1908, meu pai ia completar 37 anos de idade. Noticiava-se que havia falecido “Machado de Assis, o maior homem de letras brasileiro”. Ainda não se usava normalmente “escritor”, excessivamente genérico. Em 1924, no seu livro *A Campanha Abolicionista*, Evaristo de Moraes, preso à tradição, intitula seu último capítulo de “a escravidão nas belas letras”.

A morte de Josué no último dia 15 me trouxe ao espírito essas expressões, hoje quase em desuso. Como Machado, Montello foi um grande homem de letras. Toda a sua vida, desde a adolescência, nascido em 1917 em São Luis do Maranhão, foi dedicada às letras. Dormia pouco, e só então interrompia o seu processo de criação literária. Todo o seu tempo era preenchido pela elaboração de sua obra, em quase todos os gêneros literários e intelectuais: romance, conto, teatro, crônica, história, memória, ensaios de toda espécie. Com mais de uma centena de livros publicados, grandes ou pequenos, seu cérebro não teve descanso tal a sua ânsia de deixar uma obra sem paralelo na história literária brasileira. Para usar uma imagem de Nietzsche: viveu queimando-se na própria chama, como uma bailarina na ponta dos pés. Foi este o beletrista que perdemos e por ele choramos em 15 de março deste ano, com 88 anos completos.

Convivi com Montello desde 1937, quando colaborávamos para o *Dom Casmurro*, jornal de Brício de Abreu, dirigido por Álvaro Moreyra e Jorge Amado. Em fins de 1936 chegavam ao Rio, vindos de Belém do Pará, três jovens escritores, que começavam suas carreiras: Josué Montello, Nélio Reis e Dante Costa. Cada qual seguiu o seu destino, todos dedicados à vida intelectual. Nélio e Dante diplomaram-se, respectivamente, em Direito e Medicina. O único que não cursou universidade foi Josué, passando em 2º lugar num concurso para técnico de educação, cujo 1º lugar fora alcançado por Helder Câmara. Autodidata, voltou-se

para a sua obra e começou a acumular sucessos ininterruptamente até que a doença final lhe viesse interromper. Aos 30 anos já era Diretor Geral da Biblioteca Nacional. Dirigiu e criou instituições públicas e culturais de toda ordem. Aos 37 anos ingressou nesta Academia. Quando eleito em 1954, encontrava-se no Peru, ministrando curso de literatura brasileira na Universidad Mayor de São Marcos, da qual recebeu o título de Catedrático Honorário.

Falar de todos os títulos e honrarias conferidos a Josué Montello levaria a numerosas páginas este desabafo de tristeza e saudade. Basta consultar qualquer edição do *Anuário* da Academia. Tudo que empreendia era de pleno coração, empenhava-se por inteiro, como se a própria vida da instituição dependesse dele. Nada fazia pela metade. Nunca foi medíocre. Em tudo que tocasse deixava a sua marca. Dos 27 romances que escreveu, dois eram os seus prediletos, respectivamente, traduzidos para o francês e sueco: *Os tambores de São Luís* (1975) e *A noite sobre Alcântara* (1976).

Pai, avô e bisavô, foi um chefe de família exemplar. Marido excepcional, viveu com Yvonne um afeto calmo e de todas as horas. Nela teve sempre sua primeira admiradora e colaboradora. Por lhe freqüentar a casa, por longos anos, sou disso testemunha. Hilleda e eu nunca faltamos a *reveillons* em seu apartamento na Avenida Atlântica.

Se muitos foram os eleitores quando do meu ingresso nesta Casa, devo a Montello o primeiro telefonema convidando para me inscrever em 1983 e 1984. Fui eleito a 15 de março de 1984. Por infeliz coincidência, a sua morte se deu quando se completavam 22 anos. Fui recebido por Josué a 4 de outubro do mesmo ano, dia de São Francisco de Assis, o Santo que mais se aproximava de Cristo, no dizer de Afrânio Peixoto.

Eleito Presidente em dezembro de 1993, Josué convidou-me para Secretário Geral, quando muitos eram os candidatos. Elaboramos juntos a reforma geral do Regimento Interno, com anteprojeto originário de minha autoria. Nele, só permitia uma reeleição de toda a Diretoria. Ao lê-lo, alterou o seu final, proibindo-se mais de uma reeleição somente ao Presidente, como se

encontra em vigor ainda hoje. Argumentou ele que seria difícil encontrar quadros novos para toda a Diretoria.

Embora já tenha me referido ao fato quando do meu discurso de posse, quero aqui, mais uma vez, declarar de público o seu gesto de coragem e desprendimento. Quando fui preso e aposentado em 1969, dele recebi uma longa carta manuscrita de Paris, onde era Embaixador junto a Unesco. Grande eram os riscos que ele corria, solidarizando-se com um subversivo da ditadura militar... Guardo-a com carinho e gratidão.

Josué Montello constitui um tema inesgotável. Dele ou se diz de mais ou de menos. Não mais se encontra entre nós este grande homem de letras, este grande escritor, este grande homem de ação, grande administrador, grande exemplar humano, que nos deixou a todos de luto, tão tristes como se fôssemos de sua família, com a qual nos solidarizamos na dor e na saudade.

Evaristo de Moraes Filho

20/03/06

